

ATELIER LIVRE DE PRÁTICAS PICTÓRICAS

TALES MACEDO VARGAS¹;
JOSÉ LUIZ DE PELLEGRIN²

UFPel- tales.macedo@outlook.com
UFPel – jpell@terra.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão Atelier Livre de Práticas Pictóricas inicia suas atividades em junho de 2017, destinado à abertura do atelier de pintura do Centro de Artes da UFPel, para a realização de atividades voltadas à produção pictórica de artistas formados por essa Instituição, assim como para artistas interessados em fomentar sua produção no espaço universitário, em coletividade com outros artistas e professores de artes. A motivação primeira dessa proposição é decorrente do número de formandos de 2016/2 que realizaram os Trabalhos de Conclusão de Curso/TCC com ênfase na linguagem pictórica, e que na

Pesquisa em arte, ênfase de Poéticas Visuais, delimita o campo do artista-pesquisador que orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração de seu trabalho prático assim como a partir de questões teóricas e poéticas, suscitadas pelas suas práticas. (REY, 1996, p. 81)

Sob esta ótica teórico/prática, ou seja, os alunos no final do Curso apresentam um conjunto de trabalhos pautados pela coerência de um tema e motivados por um problema que lhes conferem contemporaneidade e uma monografia que revela a parte teórica do estudo através da qual da acesso aos referenciais teóricos, aos seus processos, ao diálogo com outros artistas e ao modo como traduz na praxis a síntese dessas vivências. Sendo teórico/prática os estudantes utilizam os ateliers como uma estrutura de suporte e de vivências e, ao saírem da universidade muitos deles deixam de ter um espaço específico para a realização de sua produção. É sabido que a maioria dos alunos que desenvolvem trabalhos na área de pintura têm espaço reduzido e impróprio para essa prática em suas residências e são raros os que podem comprar ou alugar locais para dar continuidade as suas práxis artísticas. Portanto, essas dificuldades acabam implicando no abandono de suas práticas ou restringindo suas produções. Igualmente, no contexto da região de Pelotas e tendo-se em conta a situação econômica do país, os espaços reservados para a produção e consumo da cultura têm se reduzido como é próprio desses momentos. Por isso, as Instituições públicas têm papel fundamental de responder a essas necessidades já que são comprometidas com as áreas de formação e sustentação das atividades artístico-culturais.

A proposição desse projeto se pauta pelo compromisso com ex-alunos, com artistas e interessados nas manifestações artísticas. Visa à colaboração com a constituição de um sistema de arte no país que desde a era Collor tem tido dificuldades para se manter de forma mais efetiva e próspera. Depois dos anos 2000 alguns espaços não institucionais se organizaram e deram certo fôlego à área de cultura na cidade, entretanto nos últimos anos alguns desses espaços encerraram suas atividades, pelas dificuldades econômicas que implicam na diminuição do consumo e da frequentaçāo do público. Outros espaços que

permaneceram ativos o fizeram a partir da diversificação de suas atividades. Assim, entendemos que o acolhimento da solicitação da comunidade tem papel fundamental de colaborar para que o sistema da arte possa atravessar o período de crise e em especial gere espaço de conhecimento qualificado. Ressaltamos que, os agentes do sistema mantendo-se envolvidos com as atividades para sustentar o fluxo da cultura, evitando recomeços posteriores com perdas e desgastes consideráveis para alcançar estágios de desenvolvimento já trilhados têm papel fundamental de manter a produção em movimento, feitas na universidade motivam os alunos/artistas em formação e se constituem em espaços de resistência em tempos de crise que podem ser identificados pelo quase encerramento do Ministério da Cultura no ano que passou.

Como objetivo principal pretendemos que cada artista amplie seu repertório, mantenha sua produção garantindo uma formação continuada e constituída por uma visão crítica. Para que assim possam compartilhar o conhecimento e trabalho produzidos, levando tanto para espaços expositivos que a cidade oferece, quanto para circuitos mais amplos. Posibilitando assim ampliar a socialização com o público e contribuir culturalmente para a legitimação do sistema das artes; fazendo da extensão universitária um meio benéfico para os artistas em formação, bem como para os egressos. Como decorrência, a produção teórico/prática se torna um exercício de mão dupla. Acolhe esse público que promove um exercício de troca e amplia o espaço de formação para os que estão em curso e de qualificação para os primeiros.

2. DESENVOLVIMENTO

A atividade extensionista ocorre no Centro de Artes, na sala 110, nas terças das 18h às 21h30 e quartas das 8h30 às 12h. Os coordenadores e o bolsista acolhem os participantes que usufruem do espaço, tendo em vista as suas necessidades no que tange ao desenvolvimento das práticas pictóricas individuais. Assim, cada participante opta por seus meios que surgem a partir de motivações distintas. Nos encontros é comum a interlocução entre integrantes e professores, que a cada encontro disponibilizam-se a conversas e orientações sobre possíveis referências artísticas, entre outros assuntos que surgem em decorrência de fatos que colaboram com o desenvolvimento do pensamento poético.

As ações do projeto são realizadas visando à experiência individual, partindo deste ponto para pensar as atividades exigidas pelo grupo. Cada integrante apresenta sua trajetória, suas expectativas e suas necessidades que são traduzidas, num segundo momento, por um plano individual de trabalho. O plano individual de trabalho envolve a organização do espaço, a eleição dos materiais que serão explorados, os instrumentos que permitem o trato com os materiais, as referências artísticas e conceituais que dão suporte para a constituição do processo poético. Nos encontros, os coordenadores e o bolsista disponibilizam material bibliográfico, como catálogos de exposições, livros de arte, revistas de arte, monografias, dissertações e teses, que possam motivar discussões acerca de diferentes concepções de espaço, de cor, de tempo, de faturas, de escala, de materiais e de referências teóricas no cenário artístico. Igualmente, o processo que envolve a atuação desses se caracteriza como uma mediação. Encontramos essa definição nas acepções de Mirian Celeste Martins sobre curadoria educativa que pode ser utilizada nesse âmbito da extensão devido a similitude do perfil que atribuímos a nossa presença nessa atividade. Ou seja, Martins revela que a ação de mediar se caracteriza

Não como ponte entre quem sabe e quem não sabe, entre a obra e o espectador, mas como um “estar entre” muitos (...). Estar entre muitos nos coloca na posição de quem também há de viver uma experiência, potencializando-a aos outros, pois a vive com intensidade. Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo con-tato, com a experiência de conviver com a arte. Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vistas diversos, valorizar as diferenças, problematizando também para nós o convívio com a arte. (MARTNS, 2006, p. 2)

No espaço de atelier de práticas pictóricas as relações se estabelecem de maneira horizontalizada o que proporciona uma trajetória permeada pela autonomia na constituição dos conhecimentos e ao mesmo tempo entreposto por trocas entre todos os envolvidos.

3. RESULTADOS

Mesmo que o projeto tenha iniciado em decorrência de uma demanda identificada na proposta dessa atividade de extensão, fundamentalmente de ex alunos em recente formação, ou seja, já graduados em artes, há participação de pessoas da comunidade. Por exemplo: um ex técnico administrativo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, sem formação em artes, que ao se aposentar encontrou no projeto de extensão um espaço para investir em sua produção pessoal nunca antes tratada com regularidade. Assim como tem incentivado também artistas em formação que utilizam o espaço extraclasse para dar continuidade à produção realizada em aula, potencializando as investigações teórico/práticas, ao mesmo tempo quantificando a produção. Ressaltamos também, o retorno à instituição de alunos formados em anos distintos que retomaram a produção e que buscam um espaço de convivência, de troca e de interlocução. (Figura 1) Essas demandas singulares, nos artistas que desenvolveram trabalhos de maneira profícua já deram repercussão, como é possível verificar na recente exposição coletiva intitulada “Pedra, Papel e Tesoura: mãos em movimento”, realizada no Ágape, onde a artista Daniela Meine participa, e apresenta parte dos trabalhos desenvolvidos também com o suporte do projeto. Mario Schuster que expos recentemente no mesmo espaço e que, em discussão sobre a produção apresentada naquele momento está desenvolvendo um conjunto de trabalhos para uma nova exposição que teve como motivação um dos trabalhos lá apresentado. Aqui cabe salientar uma especificidade. O artista já divide espaço em seu atelier com outros artistas, mas parte deles integra as atividades de extensão do CA como necessidade de troca e interlocução com seus pares. (Figura 2)

É evidente nas falas dos participantes que o espaço estimula a produção, pois estar em contato com outros artistas potencializa de forma positiva as ações em torno de cada poética. Por isso, há participantes que mesmo tendo ateliers vinculam-se às atividades do projeto por ser um modo de conexão com a produção de conhecimento universitária e para estar em contato com outros

artistas, numa espécie de constante atualização. A atividade extensionista é recente e obviamente apresentará outros resultados adiante.

Figura 1.



Figura 2.



4. AVALIAÇÃO

O projeto ainda esta em andamento e ainda não passou por uma avaliação conclusiva, mas podemos aferir que entre o que se estabeleceu como meta há muitas surpresas no que se refere à diversidade da produção e o interesse de um público mais amplo, do que havíamos estabelecido inicialmente (no projeto); atualmente , participam da atividade os alunos formados a mais tempo, alunos em formação, sem formação em artes que buscaram o desenvolvimento de suas produções em convívio com outros artistas e em contato com seus ex professores. Verifica-se uma produção consistente que poderá integrar exposições coletivas e individuais. Além disso, é evidente um avivamento e movimentação no próprio atelier de pintura reforçando um envolvimento com a linguagem, há um impacto na formação dos estudantes e do curso ao qual estão vinculados. O espaço do atelier acolhe e passa a ser um continente de processos de criação. A atividade de extensão interfere positivamente no fluxo do curso regular de Artes Visuais como atividade motivadora modelar para a postura do artista em formação.

E mais, o quanto importante é o espaço do atelier no sentido de ser um tempo significativo no qual as pessoas trocam experiências coletivamente e se desafogam um pouco do tempo corrido da vida contemporânea qualificando também o cotidiano e com ele a condição cidadã dos indivíduos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf

REY, Sandra. Da prática a teoria: Três instâncias mediológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. Porto Arte, Porto Alegre, vol. 7, n. 13, Nov. 1996, p.81-95. Disponível em: <file:///C:/Users/OEM%20Install/Desktop/sandra%20rey.pdf>